

O CONTRIBUTO DO EDUCADOR PARA O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR

A Consciência Linguística/Práticas

Natacha Vanessa Campaniço Xavier

**Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre de Qualificação para a
Docência em Educação Pré-escolar**

Janeiro de 2018

VERSÃO DEFINITIVA

ISEC LISBOA INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

**Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre de Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar**

**O CONTRIBUTO DO EDUCADOR PARA O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO
DAS CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR**

Consciência Linguística/Práticas

Autora: Natacha Vanessa Campaniço Xavier

Orientador: Sandra Duarte Tavares

Janeiro de 2018

Agradecimentos

A todas as pessoas que de uma forma ou de outra me apoiaram, que me incentivaram neste percurso que teve momentos bons e menos bons, quero expressar os meus agradecimentos:

À minha Mãe Maria e ao meu padrasto Francisco, que foram os principais pilares deste meu percurso académico de quatro anos. Desde o início me encorajaram e nunca me deixaram desistir do meu grande sonho e dos meus objetivos, pois sempre acreditaram nas minhas capacidades e sem eles não teria chegado onde cheguei.

Ao meu namorado Sérgio Rodrigues, pela compreensão, pelo incentivo, pela paciência e por todo o importante apoio durante estes quatro anos. Mesmo quando o tempo era escasso devido não só ao meu emprego, mas também ao seu, pois trabalhava longe. À minha irmã Dúnia que também sempre me encorajou, ouviu e aconselhou.

À minha Professora Sandra Duarte Tavares, pela dedicação e empenho.

A todos, obrigada!

Resumo

Este trabalho insere-se na tese de Mestrado para a Qualificação da Docência em Educação Pré-Escolar. Neste caso, procurámos analisar documentação bibliográfica e outras leituras consideradas importantes para a sua explicação. Assim, numa primeira etapa o trabalho reflete a pesquisa bibliográfica que fizemos, isto é, permitiu-nos selecionar a informação mais importante, proceder à sua leitura, organizá-la por tópicos de influência, avaliar e registar de acordo com os objetivos do tema escolhido.

Durante a realização do trabalho, a pesquisa recaiu sobre a bibliografia de autores como Sim-Sim, Formosinho, Vasconcelos e outros, que nos explicam o estudo que realizaram sobre a linguagem oral e escrita, e a função dos formadores no âmbito das ações desenvolvidas na Educação Pré-Escolar; o trabalho descreve ainda algumas teorias relacionadas com o fenómeno educativo em estudo que nos ajudam a compreender as diferentes capacidades linguísticas desenvolvidas pelo Homem .

Com este trabalho percebemos a importância que a iniciação da linguagem oral e escrita tem na educação das crianças em idade Pré-Escolar para estes autores, sobretudo face ao investimento tecnológico (computadores, televisão, áudio e outros), assim como da importância que a diversificação de tarefas em contexto de sala de aula tem no sucesso educativo e social das crianças.

Palavras-Chave: *Linguagem, Consciência fonológica, Consciência sintática, Consciência lexical, Educação Pré-Escolar*

Abstract

This paper is part of Pre-school Educations Master's degree qualification. In this case, we look for bibliographic documentation and other important explanations. This way, on a first phase this paper reflects a bibliographic search, this means, we selected the most important information, then reading them, organizing by influential topics, evaluate and registering by chosen objectives topics.

During this paper working, the search was mostly about some author's bibliography, like, Sim-Sim, Formosinho, Vasconcelos and others, those explain their oral and written language study and the teacher role by the pre-school education developed actions; this paper also describes some theories about the educational phenomenal in study that helps us to understand the different linguistic capacities developed by Man.

With this paper we realize the meaning of the first oral and written language experience on the children education at the pre-school age to these authors, especially with this kind of technologic investment (computers, television, audio and others), like the value of the task's diversity and the impact of those on the educative and social success of the children.

Keywords: *language, neurolinguistics, phonological consciousness, syntactic consciousness, lexical awareness, pre-school education.*

Índice Geral

Resumo	I
Abstract	II
Índice Geral.....	III
Índice de Figuras.....	IV
Parte I: Quadro teórico de referência	1
1. Introdução	1
2. O que é a Linguagem?	2
3. O desenvolvimento linguístico das crianças.....	8
4. Consciência Linguística	8
5. A Educação Pré-Escolar	18
Parte II: Propostas de Atividades.....	26
Considerações Finais	36
Referências Bibliográficas.....	37

Índice de Figuras

Figura 1: Fatores determinantes do desenvolvimento das competências comunicativas, segundo Sim-Sim	29
--	----

Parte I: Quadro teórico de referência

1. Introdução

São múltiplos os estudos que têm mostrado a importância da iniciação precoce da linguagem verbal na educação Pré-Escolar e, ao mesmo tempo, do papel dos formadores na qualidade e melhoria das aprendizagens linguísticas neste nível de ensino.

O presente trabalho foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e procurou refletir sobre quatro objetivos principais: a reflexão sobre as realizações que constituem os usos oral, escrito e leitura da língua, principalmente em referência à sua fase inicial, ou seja, à fonologia e consciência fonológica; o segundo objetivo refere-se às teorias que sustentam os processos de aquisição da língua - As teorias Behaviorista, Inatista e Cognitivista.

O terceiro objetivo prendeu-se com as interpretações de vários autores, nomeadamente, de Sim-Sim no que respeita à evolução da consciência fonológica, enquanto percurso progressivo que se desenvolve desde a sensibilidade da criança em ouvir os primeiros sons, até à sensibilidade fonética das palavras construídas. O quarto objetivo destaca as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar do Ministério da Educação, que inclui as respetivas metas de aprendizagem a explorar pelos formadores durante o processo de ensino-aprendizagem.

Neste objetivo, dá-se ainda relevo à relação entre a consciência fonológica e o sucesso da escrita e da leitura e, dos esforços que devem pautar as atividades a desenvolver com a criança; atividades que diversifiquem e alarguem os espaços de aprendizagem, suscetíveis de desenvolverem de forma progressiva a língua materna, com relevo para os jogos, imagens, partilhas em grupo, abecedário lúdico etc. Conforme salienta Sim-Sim, é na convergência entre os objetivos da criança e do educador (quem aprende e quem ensina) que resulta o sucesso de todas as aprendizagens.

Em relação às considerações finais, é descrita uma reflexão sobre as unidades da língua desde a sua fase inicial até à formação da palavra; contudo não poderíamos

terminá-la sem deixar de sublinhar mais uma vez o contributo indispensável do formador na construção do percurso educativo da criança na educação Pré-Escolar. Por fim, é apresentada a referência bibliográfica dos autores que contribuíram para a feitura do nosso trabalho.

2. O que é a Linguagem?

Apesar de nos termos habituado à rapidez e à facilidade com que as crianças adquirem nos primeiros anos de vida, a sua língua materna, estas continuam a surpreender-nos, tal a sua progressão.

Ao contrário da matemática que é um sistema menos complexo do que uma língua natural e, portanto, de mais fácil aprendizagem, as dificuldades das crianças são maiores; contudo se o recurso ao computador pode facilitar as suas aprendizagens aritméticas, já em relação à língua não é possível programá-la. Este contraste leva-nos à seguinte pergunta: O que é afinal a linguagem?

A linguagem pode ser definida como uma capacidade inata, biologicamente determinada e singular ao Homem, que lhe permite comunicar através de um sistema de signos vocais, e por um conjunto de funções físicas complexas, geneticamente especializadas.

Assim, a linguagem é na realidade uma propriedade exclusiva dos seres humanos; vejamos algumas das propriedades universais da linguagem verbal:

Diferimento, Criatividade, Reflexividade, Arbitrariedade e Descontinuidade ou dupla Articulação

a) Diferimento

É a propriedade da linguagem que nos permite fazer qualquer referência a pessoas, objetos ou a conhecimentos passados no tempo e no espaço, no momento de comunicação. Por exemplo: *na segunda feira passada fomos ao futebol.*

Na linguagem humana é possível distanciar três pontos de vista: o real ou o imaginário, temporal e espacial, isto é a informação é transmitida em relação ao momento presente, passado e futuro em diversas localizações.

b) Criatividade

É a propriedade da linguagem que dá aos falantes a aptidão para produzirem e compreenderem um número vasto de enunciados que nunca ouvirem antes.

O Homem é assim capaz de usar uma linguagem produtiva e criativa, podendo incluir dois aspetos: o chamado *alcance limitado* em que é capaz de produzir sequências linguísticas que nunca ninguém produziu antes e *independência de estímulos* em que este pode utilizar a linguagem independentemente de estímulos anteriores.

c) Reflexividade

É a propriedade que se fundamenta na capacidade de um sistema semiótico se referir a si próprio.

Neste caso os falantes podem usar uma língua para falar dessa mesma língua. Roman Jakobson, linguista russo designou esta característica por função metalinguística da linguagem. Por exemplo: “*Em português, os adjetivos concordam em género e número com os nomes que modificam*”.

d) Arbitrariedade

Este termo foi introduzido por Ferdinand de Saussure, linguista suíço, que relacionou diretamente o signo e o seu significado, numa relação não condicional entre as coisas e os nomes, ou seja, não existe vínculos entre um conceito e os seus nomes: não se deduz o nome das coisas pelo contato que temos com os objetos, caso contrário falaríamos todos a mesma língua e a aquisição da língua pela criança seria imediata.

e) Descontinuidade ou Dupla Articulação

Foi André Martinet, linguista francês, quem definiu a dupla articulação. Segundo ele, esta característica consiste na decomposição de qualquer enunciado até ao seu ponto mais básico ou unidades mínimas, prevendo dois níveis distintos:

- 1ª articulação – É possível decompor ou separar os enunciados em *morfemas*, unidades mínimas que têm forma fónica e valor semântico. Por exemplo, a palavra *infeliz* pode ser decomposta em dois elementos: *in+feliz*, tendo cada elemento um significado próprio *in= negação e feliz =alegre*

- 2ª articulação – Pode-se decompor ou separar o significado dos morfemas em *fonemas*, unidades mínimas distintas que têm apenas uma forma fónica e não tem conteúdo; a sua principal característica é a sua função distintiva de significados: por exemplo, nas palavras *pato/gato/rato* a alteração da consoante inicial deu lugar a uma alteração do significado das palavras.

Em relação à aquisição da linguagem, a mesma autora salienta que as crianças numa fase muito precoce já fazem perguntas, exprimem negação, selecionam os pronomes adequados, e usam regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas da gramática.

O Homem pode viver sem nunca ter aprendido a ler e a escrever compreende e debate os mais variados temas de forma tão eficaz como os indivíduos instruídos. Por isso, podemos dizer que a aquisição de uma língua e aprendizagem da mesma implicam tarefas diferentes, porque existem diferenças entre aquisição e aprendizagem, motivo porque é importante que compreendamos as ideias que lhe estão associadas: a aquisição é o processo natural e espontâneo do homem captar a língua falada através da comunidade falante onde está inserido, e a Aprendizagem consiste num processo não inato, que tem de ser trabalhado pedagogicamente num meio de ensino – Uma língua materna adquire-se; uma língua estrangeira aprende-se em meio escolar.

A Aquisição da linguagem ocorre em várias fases de desenvolvimento da criança, ou seja, que ao longo do seu desenvolvimento, a criança é capaz de produzir diferentes desempenhos em função da idade que tem. Na perspetiva da autora podemos dividir a Aquisição em duas fases: a Fase Pré-Linguística e a Fase- Linguística.

Fase Pré-Linguística- A fase chamada de Pré-Natal em que a criança durante os primeiros anos de vida o bebé reconhece a voz da mãe e distingue os primeiros sons, e a fase do silêncio (período até aos 4 meses) em que a criança é exposta a vários tipos de input da língua materna, comunica através do choro e do riso e aprende a associar expressões faciais e movimentos labiais.

Fase Linguística – Inclui várias fases em que se vê a capacidade de a criança progredir à medida que vai crescendo. Assim, na fase do Balbucio (4 meses-1 ano), o bebé já produz vogais e repete sequências de consoante-vogal, repete sons,

apercebendo-se que um determinado som se associa um determinado significado, exemplo: (á) quererá dizer (água), é capaz de conhecer o seu nome e seguir instruções simples. Na fase *Holofrástica* (1-2 anos) a criança para além de ser capaz de produzir as primeiras palavras que incluem, regra geral, uma única sílaba com a estrutura consoante-vogal (dá, pé, etc...), exprime desejos, emoções, determinações de uma só palavra que funciona como uma frase. Por exemplo, ao produzir a palavra colo, a criança quererá dizer “Mãe, pega-me ao colo”, tende a simplificar as palavras que têm sílabas ramificadas (br ,pr), para dizer pato, em vez de “prato”, e às primeiras palavras com duas sílabas, que têm normalmente consoantes labiais(mamã, papá, bebé) a criança não precisa de outros articuladores para além dos lábios para produzir as consoantes (m, p, b). Quanto às fases das suas palavras (2-3 anos), dos Porquês (3-4 anos) e do Aperfeiçoamento (4-6 anos) damos conta de morfemas flexionais (género, número e grau nos nomes e adjetivos) e derivacionais (prefixos e sufixos) e, enriquecimento do seu vocabulário em geral, até à construção de frases mais ou menos complexas a partir de 6 anos, com a língua já dominada do ponto de vista sintático, morfológico e semântico. A criança enriquece e as suas competências depois dos 6 anos, sobretudo a nível lexical.

O processo de aprendizagem como referimos está principalmente dependente do trabalho que se desenvolve em meio escolar, com relevo para as práticas de ensino-aprendizagem e os meios didáticos utilizados.

Assim, verificamos que a aquisição da linguagem pelo Homem é um dos fenómenos mais complexos e intrigantes do desenvolvimento da humanidade. A capacidade inata, as suas funções, o contributo do meio que o envolve e outros fatores comuns e específicos, é também explicada por três teorias que nos ajudam a compreender a sua complexidade. É nesta perspetiva que avançamos também com a sua explicação.

3.1 Teoria Behaviorista

- De acordo com esta teoria, as premissas são as seguintes:
- Os comportamentos verbais fazem parte integrante do meio envolvente em que a criança se insere;
- As crianças possuem impulsos que, independentemente de corresponderem à sua satisfação ou não, emitem sons vocálicos, como por exemplo, o choro;
- As crianças são capazes de associarem as vocalizações a recompensas;
- As crianças têm a capacidade para generalizar e limitar comportamentos.

Para Skinner, pensador da linguagem como comportamento verbal, a criança possui capacidades de aprendizagem, não específicos para a linguagem verbal, modelado e reforçado pelos adultos a quem é capaz de imitar (Sim-Sim, 1995).

3.2 Teoria Inatista

Esta teoria revela-se de acordo com os seguintes fundamentos:

- As crianças nascem com uma predisposição inata (programação genética) para adquirir a linguagem. A esta capacidade Chomsky deu o nome de DAL (Dispositivo para a Aquisição da Linguagem);
- Existe uma sequencialidade de etapas segundo a programação genética considerada:
 - Fase de palreio;
 - Período de imitação (dos sons às palavras);
 - Fase holofrástica;
 - Discurso telegráfico (estruturas mais simples para estruturas mais complexas);
 - Apreensão de regras extraídas do meio linguístico.

A Teoria Inatista diverge assim da teoria Behaviorista a partir do momento em que considera que o desenvolvimento linguístico se consolida na aquisição da gramática da língua, e é justificada pela capacidade inata e existência de mecanismos específicos da mente para a aquisição da linguagem, os quais explicam a mundialização do processo de desenvolvimento.

3.3 Teoria Cognitivista

Esta teoria desenvolve-se segundo os seguintes pressupostos:

- O desenvolvimento da linguagem segue o da cognição;
- O surgimento das palavras emerge com o funcionamento simbólico e o uso da linguagem com o pensamento conceptual.

Segundo Sim-Sim se para os defensores da teoria inatista, a aquisição da linguagem é explicada por capacidades específicas, geneticamente determinada, para os cognitivistas são as capacidades cognitivas que determinam tal aquisição, ou seja, o desenvolvimento linguístico encontra-se dependente das aquisições cognitivas.

De acordo com a autora verificamos que a linguagem é tão fundamental ao homem que é praticamente impossível perspetivar a mesma vida sem ela, já que ao partilhar-se o mesmo sistema linguístico, unimos ao mesmo grupo falante, independentemente do local onde estejamos, experimentamos vivências comuns e facilitamos as aprendizagens, inclusive, as sociais.

Sublinha a mesma que a linguagem engloba capacidades e processos de compreensão e de expressão somente quando reúne as seguintes condições: quando utilizada para comunicar e pensar, as línguas possuem características universais; a existência de uma pluralidade de mensagens e símbolos e, a compreensão que envolve a receção e a decifração de uma cadeia de sons e a sua interpretação, de acordo com as regras do sistema linguístico e as dimensões da linguagem – fonética, fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Desta forma, a linguagem para Sim-Sim permeia/transmite o conhecimento e as diferentes formas de conhecer o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, as ações e os modos de agir; é produção cultural oriunda e desenvolvida nas práticas sociais.

3. O desenvolvimento linguístico das crianças

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem constituem um marco estruturante da formação do indivíduo e, conseqüentemente, do seu crescimento pessoal e social. Neste sentido, a educação pré-escolar é tão importante atualmente, que é fundamental exigir aos educadores/professores não só a sua influência, mas também a capacidade de saberem construir experiências significativas que estimulem a compreensão e a expressão linguística da criança.

“A aquisição da língua materna é sem dúvida, o ato mais significativo da nossa aprendizagem da 1ª infância, e talvez de toda a vida. Logo que temos a linguagem à nossa disposição obtemos uma chave que irá abrir muitas portas. Temos, por exemplo, um acesso permanente a muitas memórias do nosso passado, podemos contribuir, sem hesitações, para o desenvolvimento do presente, podemos até planificar o futuro” Albuquerque (2000, p.13)

4. Consciência Linguística

“um estágio intermédio entre o conhecimento intuitivo da língua e o conhecimento explícito, caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização, é a chamada consciência linguística”. Sim-Sim (2008;p 18)

De acordo com James e Garrett (1992), a consciência linguística constitui uma necessidade fundamental para a evolução dos estudos linguísticos, salientando que a consciência linguística se encontra presente em cinco grandes domínios: afetivo, social, poder, cognitivo e desempenho, explicando-a do seguinte modo:

- Domínio afetivo - A consciência linguística abrange uma atividade linguística individual; a consciência linguística em relação a este domínio, contribui para a formação do indivíduo sensível, atento e interessado na procura de respostas;
- Domínio social – A diversidade étnica e as relações entre grupos divergem em relação à unidade linguística: neste contexto, a consciência linguística serve como suporte para o entendimento das diferenças verificadas, nomeadamente, quanto às características de cada língua;
- Domínio do poder – A língua é usada como instrumento de manipulação.

- Domínio cognitivo – Liga-se fortemente ao domínio do poder. A abordagem cognitiva estrutura-se em virtude da consciência de padrões, contrastes, categorias, unidades e regras da língua em uso e na capacidade de se refletir sobre elas;
- Domínio de desempenho – O conhecimento da língua pode influenciar o desempenho ou o controlo sobre a mesma, ou seja, os indivíduos fazem progressos linguísticos ou escritos, quando estes não estão consonantes com o modelo pretendido, tendendo a melhorarem o seu nível de desempenho.

Assim, torna-se compreensível que a atenção consciente atribuída a uma língua ou a um sistema linguístico (metalinguística) é um fenómeno tornado imprescindível para o estudo e a evolução da linguagem.

Os estudos realizados sobre as capacidades metalinguísticas da criança apontam para o seu desenvolvimento a partir do domínio razoável do conhecimento e uso da linguagem em contexto de comunicação.

“Identificar que não está correto dizer — “O João fazem” requer saber utilizar a forma” fez”; que reconhecer que a construção passiva “O rapaz foi beijado pela rapariga” tem o mesmo significado que “A rapariga beijou o rapaz” implica compreender e produzir formas passivas, ou que segmentar “A costureirinha” em cinco sílabas pressupõe ser capaz de pronunciar corretamente palavra em questão”.
Sim-Sim (1990; p.224)

No desenvolvimento destas capacidades, o aspeto principal a refletir é o *“grau de consciência, análise, explicitação e sistematização atingido em cada momento do crescimento linguístico do sujeito” (Sim-Sim,1998; p.214).*

Segundo a autora, o conhecimento metalinguístico, desenvolve-se e progride à medida que a criança cresce linguisticamente. Para si, em qualquer domínio da linguagem, a compreensão e a produção antecipam a consciencialização e o desenvolvimento da consciência linguística, impõe práticas especiais para além da experiência das atividades primárias da língua - falar e ouvir.

Deste modo podemos dizer que a linguagem é para a criança um processo de desenvolvimento, cujo início é construído a partir das primeiras representações internas que esta faz do real. Posteriormente, com o domínio dos sons e da fala, satisfaz duas

outras características: a capacidade de ouvir e reconhecer os diferentes sons da linguagem e da articulação, enquanto produção de sons e cadeias de sons da fala e respectivas características. (Sim-Sim, 1998).

Sequeira, citado por Viana (1998), a capacidade de integração por classes, auxilia a criança a ver a parte e o todo ao mesmo tempo, a relacionar a letra com a palavra, esta com a frase e a frase com o texto; as capacidades de relacionamento das partes com o todo são as mais importantes para as aprendizagens da leitura.

Para Sim-Sim (1998), as capacidades cognitivas surgem no processo de transição do desenvolvimento do estágio da inteligência pré-operatória para o estágio das operações concretas, contribuindo para algumas orientações educativas no que respeita à idade de iniciação da escolaridade.

Refere a autora que a evolução linguística ao nível da fonologia, sintaxe, semântica e cognição, pode ser explicada com base no processamento da formação. Isto é, o desenvolvimento cognitivo e linguístico é explicado por intermédio de alterações (quantitativas e qualitativas) verificadas nos processos e estratégias de organização e conservação da informação e do apuramento das estruturas utilizadas para discriminar, categorizar e recuperar a informação processada. Este processamento, ligado ao estudo dos processos mentais, permitem receber, organizar, elaborar, reter e recuperar toda a informação. O sistema inclui ainda componentes que possibilitam a manipulação (atenção, discriminação e categorização) e, também, o armazenamento de representações (memórias).

Maluf e Barrera (1997) consideram que a consciência fonológica constitui em relação aos três níveis (lexical, silábico e fonémico) não somente uma habilidade sujeita a treino, como também uma capacidade cognitiva a ser desenvolvida em estreita ligação com a compreensão da linguagem oral enquanto sistema de significados; existindo por isso, uma intensa ligação entre a consciência fonológica e a aprendizagem da leitura.

A esta aquisição e crescimento lexical e, níveis subjacentes, quer a montante, quer a jusante do fenómeno linguístico, e os ritmos de desenvolvimento desde o nascimento da criança até ao seu estado adulto, são para Fátima Sequeira (2000), problemas que ultimamente mais têm interessado os psicolinguísticos.

“Um estado intermédio entre o conhecimento intuitivo da língua e o conhecimento explícito, caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização, é chamado consciência linguística”. Inês Duarte (2008; p.18)

Assim, o seu desenvolvimento aumenta deste modo a autoconfiança e a motivação da criança, suscetível de esta adquirir a consciência linguística. Conforme explica a autora, tomar consciência daquilo que sabemos sobre a nossa própria língua, transformar aspetos do nosso conhecimento intuitivo num conhecimento reflexivo, objetivo e estruturado, constitui um enriquecimento intelectual que nenhuma criança ou jovem deve ser privado.

6.1 – Consciência Fonológica

A consciência fonológica consiste na capacidade que a criança tem para compreender e refletir a estrutura sonora da língua, ou seja, ser capaz de manipular de forma consciente (mover, combinar e suprimir) os elementos sonoros das palavras orais (Tunmer e Rohl,1991).

Sim-Sim, e Nunes (2008; p.48), definem-na do seguinte modo:

“A consciência fonológica é a capacidade para refletir sobre os segmentos sonoros das palavras orais”.

Assim, podemos concluir que a consciência fonológica consiste na capacidade de analisar e manipular segmentos sonoros de vários tamanhos, como sílabas, unidades intersilábicas e fonemas que formam palavras.

Sim-Sim lembra que a consciência fonológica se relaciona com o conhecimento que permite a análise consciente das unidades de som de uma língua específica, assim como as regras de distribuição e sequência do sistema de sons da mesma língua. As ações de falar e ouvir fazem-nos prestar de forma involuntária atenção ao significado do enunciado, enquanto a consciência fonológica obriga-nos a centrar de forma deliberada a atenção nos sons da fala.

Refere a mesma autora que a reconstrução fonológica é a *“Capacidade de reagrupar num continuum os segmentos fónicos ouvidos como unidades isoladoras”*,

isto é, *“reconstruir uma cadeia fónica numa unidade maior”*. A segmentação fonológica exige a *análise e separação em unidades maiores de uma unidade de um enunciado ouvido*. A identificação fonológica inclui processos de deteção de sons, idênticos, bem como a capacidade de prestar atenção a sons diferentes (Sim-Sim, 2006; p.67).

Esta, reforça ainda as características peculiares da fonologia, quando refere que a manipulação fonológica apesar de englobar todas as capacidades manifestadas anteriormente, ainda a capacidade de explicitação e o controle de análise das unidades fónicas; existe assim, uma pluralidade de atividades fónicas, com diferentes graus de complexidade empregues para a avaliação do desenvolvimento de consciência fonológica.

“a idade da criança bem como o desenvolvimento cognitivo e metacognitivo, o domínio da linguagem oral, as características de palavra-alvo” e também “a aprendizagem da leitura” tem sido indicadas como fundamentais para o desempenho dessas atividades (Sim-Sim; 2006, p. 67).

Segundo Duarte (2001) a investigação desenvolvida nas últimas décadas tem salientado a importância da consciência linguística e do conhecimento metalinguístico no sucesso de aprendizagem da leitura e da escrita, quer a nível do Português, quer ao nível das aprendizagens de línguas estrangeiras.

Contudo, refere que para além destes objetivos apontados ao desenvolvimento de níveis superiores de conhecimentos da língua, também os objetivos relacionados com as atitudes (por exemplo, promoção da autoconfiança linguística dos alunos, promoção de atitudes de tolerância linguística e cultural e objetivos cognitivos gerais e específicos do conhecimento metalinguístico uma meta curricular a alcançar).

Na sua perspetiva, é necessário colocar no centro da disciplina de Português as diferentes modalidades e instrumentos capazes de produzirem informação como um meio de expressão e de estudo, propondo aos alunos desafios interessantes e alargar as suas experiências pedagógicas.

Duarte releva os estudos entretanto realizados, que no seu entender valorizam a relação preditiva entre o nível de consciência fonológica da criança e o seu progresso e êxito na aprendizagem da leitura. E aponta para diversas atividades de

desenvolvimento da consciência fonológica que as crianças do Pré-Escolar deverão trabalhar e aprender:

- A classificação dos sons distintivos da língua em vogais, consoantes e semivogais e a distinção entre sons orais e nasais;
- A identificação de ditongos orais e nasais;
- A distinção entre sílabas tónicas e átonas;
- A classificação das palavras no que respeita à posição da sílaba tónica;
- No que respeita à representação (orto) gráfica das unidades linguísticas, o alfabeto, tipos de letra, as correspondências entre som e letra (s) consagradas na ortografia, os acentos gráficos, os diacríticos cedilha, til e hífen, os sinais de pontuação, configuração gráfica do parágrafo, as regras ortográficas incluindo as regras de pontuação e translineação.

Assim, defende que a prática efetiva de atividades com os alunos deverá incluir a *(Re) construção silábica, Comparação de palavras com sílabas comuns, Rima, Consciência segmental, Relação som-grafia, Posição do acento*, de modo a que possam contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica.

Para a autora, as etapas seguintes de desenvolvimento da competência da leitura, sobretudo quando a compreensão do que se lê, a consciência morfológica desempenha igualmente uma função de relevo.

De acordo consigo, a consciência morfológica desempenha uma função determinante no sucesso da leitura em ciclos da escolaridade subsequentes, sendo fácil de compreensão, se pensarmos que os processos morfológicos flexionais de formação de palavras permitem tornar mais transparentes as palavras que se leem, principalmente porque facilitarem o conhecimento de unidades menores com significado gramatical e lexical.

Assim defende que as crianças ao fim dos primeiros quatro anos de escolaridade deverão ter conhecimentos dos seguintes conteúdos gramaticais:

- A distinção entre palavras variáveis e invariáveis, a flexão nominal em número e género e os respetivos paradigmas flexionais regulares, a flexão

em pessoa dos pronomes pessoais, a flexão verbal em número e pessoa, tempo-modo-aspeto e os respetivos paradigmas flexionais regulares de 1º, 2º e 3º conjugação.

- A distinção entre palavras simples e complexas e a distinção entre radical e afixos, e os prefixos e sufixos derivacionais mais produtivos.

Sim-Sim, Nunes e Silva consideram que o desenvolvimento da linguagem é um processo complexo em que a criança através da interação com os outros constrói e reconstrói de forma natural o sistema linguístico do meio social a que pertence. Assim a criança adquire a língua materna e utiliza-a para comunicar e aprender o que a rodeia. O papel dos adultos é fundamental para que ela consiga desenvolver as aptidões adquiridas e alargar de modo significativo as aprendizagens que lhes são transmitidas.

Nesta perspetiva, é importante que o contexto escolar permita diversificar as vivências propostas, de modo a que os desafios que se lhe colocam aumente as suas hipóteses de desenvolvimento cognitivo, linguístico e emocional.

Não obstante o processo de desenvolvimento da linguagem se concretizar como um todo, o educador deve considerar que diferentes domínios da língua são objetos de aquisição. Neste processo de aquisição da linguagem, a criança aprende as regras da língua do seu meio e com elas constrói o seu conhecimento; regras que se referem aos domínios específicos da fonologia, da sintática, da morfologia e de regras programáticas da língua.

É natural que a criança ao longo das aprendizagens cometa erros: todavia, estes podem não só mostrar a forma como decorre o processo de desenvolvimento linguístico, como um indicador para que o educador interaja com ela, estimulando comportamentos e alargando os espaços de intervenção de modo a corrigi-los

De acordo com Sim-Sim a voz é um dos meios mais fortes para comunicar, e a criança produz sons desde que nasce, constituindo um processo gradual de aquisição de sons e da fala, isto é, desenvolvimento fonológico. Este desenvolvimento fonológico geneticamente programado, permite que todas as crianças façam o mesmo caminho, independentemente do contexto linguístico em que crescem.

A criança desde a nascença que reage às mudanças acústicas dos adultos, podendo afirmar-se que a sua capacidade de diferenciação dos sons da fala é inata.

Esta capacidade desenvolve-se pela forma progressiva à medida que vai crescendo; é capaz de recontar primeiramente a voz materna, distinguir vozes masculinas de vozes femininas e sons de fala com base nas diferenças segmentais entre os sons.

Posteriormente, é capaz de identificar padrões de entoação e ritmo, reagindo a perguntas, ordens ou manifestações de afeto ou censura.

Quanto à capacidade para produzir sons da fala através das manifestações de vários órgãos e músculos (língua, lábios, dentes, cordas vocais, palato, etc), controladas pelo sistema nervoso central, chama-se articulação. Este processo de desenvolvimento de produção de sons associa-se à sua própria maturação biológica. A criança interage vocalmente por intermédio de um conjunto de produções sonoras (choro, riso, palreio, lalação) que se designa por período pré-linguístico.

Na continuação do seu processo de desenvolvimento, esta começa por produzir as primeiras sílabas (pa; papa) de acordo com as regras fonológicas da língua, iniciando-as de forma progressiva (períodos linguísticos) em que produz sons e articula padrões fónicos, quer ao nível das produções fonológicas da língua materna, quer em relação a outros adultos que com ela interage.

Freitas et. al. (2007) chama a atenção para a importância de se trabalhar a oralidade antes da escrita a fim de se acautelar alguns fracassos.

Assim, o treino sobre as unidades da oralidade deve antecipar a introdução das unidades do código alfabético. O desenvolvimento destas competências deverá deste modo ser promovido em contexto escolar, como medida preventiva no desempenho de tarefas de leitura e de escrita.

Rebelo (1993, p.115) a este respeito salienta que ouvir sons, palavras, comunicações orais, com tudo o que isto implica – a captação, identificação e reconhecimento de estímulos sonoros, a sua distinção, a junção e a referência a significados, enfim a sua compreensão- permite adquirir e desenvolver a linguagem desde a elementar à mais complexa.

Segundo Sim-Sim, as pesquisas realizadas no âmbito da investigação sobre os desempenhos da leitura e da escrita, têm mostrado a importante relação que existe entre a aprendizagem da leitura, a consciência fonológica e o conhecimento que a criança tem sobre a linguagem escrita antes do seu ensino formal.

Consciência Lexical

As palavras são a essência de uma língua. O desenvolvimento lexical inicia-se quando a criança é capaz de dar significado a uma palavra que ouve associada a uma pessoa, uma ação ou um objeto, prologando-se durante toda a vida.

Segundo Airmad (1986). O desenvolvimento lexical constitui um processo que se prolonga ao longo da nossa vida, correspondendo o processo à aquisição do vocabulário, palavras ou unidades importantes, sem levar em conta as suas variantes Segundo Sim-Sim (2008; p.17) *“as palavras são rótulos que utilizamos para designar conceitos ou entidades específicos”*.

O seu desenvolvimento pode caracterizar-se pelos níveis quantitativo (alargamento da capital lexical) e qualitativo do vocabulário, dependendo ambos das experiências comunicativas em que a criança se envolve e, do tempo.

“Quando a criança pequena se sente progressivamente e investida de poder de dar nome às coisas que fazem parte da sua vida diária, ela entra suavemente num novo e fabuloso mundo, descobrindo dia após dia novos significados, novas palavras, novos mundos relacionados com a sua experiência recente” Rigolet (2000; p.56)

Já Sim-Sim afirma nesta perspetiva que a frase mais marcante do desenvolvimento lexical decorre entre os dezoito e os quarenta e dois meses de vida.

No seguimento deste estudo, pode concluir-se que existe alguma disparidade entre o vocabulário produzido pela criança quando comunica (léxico ativo) e o vocabulário compreendido (léxico passivo), uma vez que o vocabulário que a criança reconhece é significativamente mais amplo do que aquele que utiliza. Sim-Sim et al (1997; p.44) defende:

“O vocabulário passivo médio de uma criança de seis anos ronda as vinte e cinco mil palavras, ainda que só utilize no seu quotidiano aproximadamente a décima parte desse conhecimento”.

De acordo com este entendimento é possível afirmar que a diferença quantitativa entre os léxicos ativo e passivo se perpetua ao longo da vida, o que significa que ao longo desta, o indivíduo conhecerá sempre mais palavras do que as que utiliza para comunicar dia-a-dia.

6.3 - Consciência Sintática

Em relação ao desenvolvimento sintático e morfossintático da língua, é preciso compreender e atender à produção de palavras pertencentes ao léxico da mesma e, fundamentalmente, reconhecer as regras que permitem a sua organização por frases.

As regras são assim parte integrante do conhecimento sintático da língua, sendo que para Sim-Sim (1998) as mesmas não são regras de combinação de “palavras específicas”, mas regras de combinação de classes de palavras.

A este propósito, a autora salienta que o processo de desenvolvimento sintático é o *“percurso percorrido pela criança na identificação e extração das regras de organização frásica da sua língua materna”*, sendo que, durante este percurso, a criança aperfeiçoa as estratégias que lhe permitem reconhecer estímulos verbais, aprender as regras da língua por meio das informações captadas e generalizar as regras a diferentes situações.

O desenvolvimento sintático é caracterizado por vários períodos em que a criança desenvolve de forma progressiva as suas capacidades linguísticas em função da sua própria idade; no início, entre os nove e os quinze meses, a idade referente ao primeiro período, é designado por holofrástico, caracterizado por ser o período em que a criança produz sobretudo palavras isoladas, utilizadas por esta para chamar a atenção e fazer pedidos, como por exemplo: mamã, piu-piu, oó, entre outros.

À medida que a criança melhora o conhecimento lexical, deixa progressivamente de produzir palavreado isolado e começa a combiná-lo na frase segundo as regras sintáticas da sua língua materna.

Durante os quinze meses e os dois anos, é o período designado por telegráfico, período em que a criança faz a associação de duas palavras, fundamentalmente de nomes e verbos, não estando presentes artigos, preposições, conjunções e verbos auxiliares, segundo a ordem básica das palavras na frase, ainda que de forma elementar. Posteriormente a este período, a criança inicia gradualmente a produção de um maior número de palavras por frase e a utilização de marcas flexionais, evidenciando o aumento do conhecimento sintético e o início da aquisição das regras morfológicas; aos três anos a criança já adquiriu a estrutura básica da frase, sendo que aos cinco e seis anos já possui conhecimentos sintáticos significativos, o que lhe permite a compreensão e a produção de frases simples e complexas, isto é, frases que possuem mais do que uma oração

O período que decorre entre os três anos e os seis anos de idade, é para a criança extremamente enriquecedor no que se refere à aquisição e segurança das regras morfológicas.

Digamos que nesta perspectiva de quatro períodos estudada por Rigolet (2000), a criança pode iniciar a sua escolaridade com a informação, as estruturas sintáticas básicas e as regras morfológicas mais importantes.

5. A Educação Pré-Escolar

A educação Pré-Escolar tem vindo a ser considerada atualmente nos sistemas educativos uma prioridade no acesso à iniciação da escolaridade obrigatória. Nesta perspectiva, tem vindo a ser considerada como a primeira grande etapa da educação básica e, conseqüentemente, abarcando cada vez mais um maior número de crianças. Neste sentido, as funções do Estado na educação pré-escolar têm crescido, nomeadamente no alargamento e promoção da criação de unidades de educação pré-

escolar no país, ou seja, o papel do Estado é um referencial das políticas para a educação pré-escolar.

Verifica-se que a oferta tem vindo a crescer principalmente nos maiores centros urbanos do território nacional. A legislação entretanto publicada, integrando as principais linhas orientadoras para a expansão e desenvolvimento da educação pré-escolar, exprime a sua importância no desenvolvimento inicial da criança e também na preparação desta para futuras aprendizagens na escola.

Para Vasconcelos, são várias as investigações que colocam as experiências de uma boa educação pré-escolar no primeiro lugar das vantagens das crianças no acesso a escolaridade básica, e processos na sua própria socialização que, a longo prazo, poderão prevenir o abandono escolar, a exclusão escolar e as dificuldades na aprendizagem dos currículos.

A mesma autora refere que a educação pré-escolar promove um conjunto de competências consideradas fundamentais para uma boa inserção da criança no primeiro ciclo da escolaridade básica, assim como, a autoconfiança, a cooperação e o autocontrolo, competências decisivas no sentido da sua plena integração escolar.

Decorre destas competências a capacidade da criança em se descobrir a si mesma, exercer o seu poder sobre os objetos e situações, de modo a modificá-las, saber interagir com os outros nos diferentes processos de gestão das atividades em que se envolve, saber dominar-se, concentrar-se e persistir em situações de adversidade, sendo capaz de fazer mudanças, e desafiar-se com otimismo.

Formosinho (1997) já se referia sobre a necessidade da educação pré-escolar se desenvolver em estreita ligação com o ensino básico, considerando-o um serviço público dada a grande importância que este tinha junto das famílias.

E nestas circunstâncias, salienta o papel do Estado na expansão da rede educativa do pré-escolar, e nas regras a definir referentemente aos seguintes aspetos: estruturais, legislação, tutelas e articulação com o ensino básico, aspetos financeiros, financiamento e contribuição das famílias; também reconhecia a importância das organizações pedagógicas com relevo para os currículos, atividades de animação socioeducativa, horários e formação e qualificação do pessoal docente e não docente.

Assim, os estudos realizados apontam para um conjunto de regras definidas por parte do Estado na estruturação de um sistema de educação pré-escolar de redes públicas e privadas, cujo objetivo é a expansão de uma educação de qualidade para todas as crianças, representando deste modo, significativos espaços para a democratização do sistema educativo português e um serviço importantíssimo para todas as famílias.

A educação pré-escolar consagrada na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº5/97 de 10Fevereiro) constitui a primeira etapa da educação básica: a importância que este nível educativo tem para a aquisição da linguagem por parte das crianças como primeiro elo de ligação aos anos seguintes da escolaridade básica.

A sua importância obriga a que em termos organizacionais e de práticas educativas, a escolaridade pré-escolar seja influenciada pela qualidade educativa e uma prioridade para o país.

No final da educação pré-escolar é esperado que as crianças consigam desenvolver um conjunto de conhecimentos linguísticos importantes para as aprendizagens da linguagem escrita e sucesso educativo.

Salienta-se a capacidade de interação verbal, a consciência fonológica e a forma como se revelam comportamentos provenientes da leitura e da escrita. Assim, as metas de aprendizagem que servem de guião em contexto pré-escolar são as seguintes:

Domínio – Consciência fonológica (Metas de Aprendizagem)

- Produzir rimas e aliteraões;
- Segmentar silabicamente palavras;
- Reconstruir palavras para agregação de sílabas;
- Reconstruir sílabas por agregação de sons de fala (fonemas);
- Identificar palavras que se iniciam ou terminam com a mesma sílaba;
- Suprimir ou acrescentar sílabas e palavras;

- Isolar e contar palavras em frases.

Reconhecimento e Escrita de Palavras

- Reconhece algumas palavras escritas do seu dia-a-dia;
- Sabe onde começa e acaba uma palavra;
- Sabe isolar uma letra;
- Conhece algumas letras;
- Usa diversos instrumentos de escrita (lápiz, caneta..)
- Produz escrita silábica.

Conhecimento das Convenções Gráficas

- Sabe como pegar corretamente num livro;
- Sabe que a escrita e os desenhos transmitem informação;
- Identifica a capa, a contracapa, as guardas e as folhas de álbuns narrativos;
- Conhece o sentido direcional da escrita (esquerda/direita e de cima para baixo);

- Atribui significado à escrita em contexto;
- Sabe que as letras correspondem a sons;
- Sabe orientar um rótulo sem desenhos;
- Distingue letras de números;
- Produz acontecimentos numa narrativa através das ilustrações;

- Usa o desenho, garatujas ou letras para fins específicos (fazer listagens, enviar mensagens, escrever histórias);
- Identifica e produz algumas letras maiúsculas e minúsculas.

Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal

- Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida;
- Questiona para obter informação sobre ao que lhe interessa;
- Relata e recria experiência e papéis;
- Descreve acontecimentos, narra história com consequência apropriada, incluindo as principais personagens;
- Reconta narrativas ouvidas;
- Descreve pessoas, objetos e ações;
- Partilha informação oral através de frases coerentes;
- Inicia o diálogo, introduz um tópico e muda de tópico;
- Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras;
- Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente;
- Recita poemas, rimas e canções.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) do Ministério da Educação (1997) constituíram a primeira referência para que processos pedagógicos devidamente estruturados pudessem elevar o desenvolvimento e a gestão dos currículos, tendo em consideração os objetivos gerais da educação pré-escolar, a organização do ambiente educativo e algumas intenções educativas, como as áreas

seguintes de conteúdo: Área de Formação Pessoal e Social; Área de Expressões/Comunicação (domínio da linguagem oral e abordagem à escrita) e a Área de Conhecimento do Mundo, para além dos domínios da Matemática e das Expressões Dramática, Plástica e Musical.

Segundo Marchão (2011; p:21), o currículo para a educação Pré-Escolar pode ser entendido do seguinte modo:

“Conjunto de atividades planeadas ou não, estruturadas e suportadas nas Orientações Curriculares (Despacho nº 5220/97) o que permitem o desenvolvimento e a aprendizagem da criança bem como o seu bem-estar. Argumentamos a necessidade de intencionalidade, de organização e planeamento flexível, aberto, integrador e participado/partilhado pelo educador e pelas crianças.

Anuímos a ideia de currículo como projeto que se organiza e desenvolve tendo como plano de fundo os intervenientes — educador, criança, as suas experiências e entendimentos sobre as coisas, bem como o universo social e cultural em que vivem.

Segundo o autor, é importante que o educador saiba desenvolver e gerir o currículo tendo em conta as características das crianças e o contexto dos espaços educativos/escolas onde se desenvolvem as experiências e as práticas escolares.

Na mesma linha Formosinho (2009; p.7e8) relevam a importância da pedagogia participativa, salientando a assim:

“Concretiza na criação de espaços e tempos pedagógicos onde a ética das interações permite desenvolver atividades e projetos que valorizam a experiência, os saberes e as culturas dos adultos. Uma pedagogia de infância participativa é, na essência, a criação de pedagógicos onde as interações e relações espaços-tempos sustentam atividades e projetos que permitem às crianças co- construir a sua própria aprendizagem a celebrar as suas realizações”.

Sim-Sim diz-nos que a criança através das suas interações desenvolve a linguagem, deixando-se influenciar pela qualidade do contexto na qual está inserida, e salienta o seguinte:

“Ao conversar com a criança, o adulto desempenha o papel de “andaime”, interpretando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa. Esta função do adulto é determinante no processo de desenvolvimento do jovem aprendiz de falante” (Sim-Sim et al, 2008).

Com base nas opiniões dos vários autores, a qualidade da educação Pré-Escolar foi significativamente melhorada com a publicação das Orientações para a Educação Pré-Escolar.

OCEPE (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar) por parte do Ministério de Educação (1997) enquanto quadro legislativo de referência, entretanto reforçado por nova legislação, abriu as portas ao alargamento progressivo da educação pré-escolar no país.

As referidas Orientações Curriculares vieram permitir que os educadores/professores desenvolvessem diferentes opções educativas no âmbito dos vários currículos, gerindo-os em função dos objetos gerais da educação pré-escolar, e dos diversos ambientes educativos.

Segundo o Ministério da Educação *“(…) os conteúdos são considerados fundamentais para o planeamento e a avaliação das situações e oportunidades de aprendizagens, sendo consideradas como” âmbito de saber com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer”*

De acordo com o (OCEPE) pode ler-se:

“A aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar” (Ministério da Educação, 1997; p.66), cujos objetivos, considerados importantíssimos dependem dos educadores e das respetivas famílias para que as crianças aprendem em geral, a linguagem oral e, subsequentemente, a linguagem escrita”.

Neste contexto, é essencial que os educadores/professores agilizem as práticas relativas ao desenvolvimento da linguagem oral das crianças, transformando as diversas interações em polos de interesse e de dinamização pedagógica. Como salienta Sim-Sim et al (2008; p.27)

“É muito importante que o educador tenha consciência de que é um modelo, de que há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de jardim-de-infância”

Para esta autora, é necessário que se desenvolvam estratégias e práticas que conduzam à promoção da linguagem oral, dando para isso os seguintes exemplos:

- Diversificar as atividades, que as crianças mais pequenas (3-5 anos) possam fazer: recados simples ou complexos ao longo dos dias, incluindo tarefas de culinária tão ao seu gosto, em que ocorra a sua exploração verbal;
- Utilizar estratégias variadas de modo a captar a atenção das crianças através da associação de recursos visuais à linguagem verbal;
- Concretizar jogos, captando a atenção das crianças para o que é anunciado;
- Desenvolver tarefas que promovam a audição de leitura e a narração de histórias;
- Estimular o gosto por ouvir poesia, trava-línguas, canções, lengalengas, adivinha, contos etc...
- Desenvolver diferentes situações de comunicação, transmitindo recados ou mensagens, dialogar sobre acontecimentos e experiências vividas, reproduzir ou inventar histórias e contos, planificar verbalmente as tarefas a realizar, estabelecer as regras de grupo a que se pertence etc...
- Expor as crianças a vocabulário diversificado e a estruturas sintáticas de complexidade crescente;
- Desenvolver jogos de linguagem que lhes permitam desenvolver a consciência linguística, principalmente a consciência fonológica, consciência da palavra e a consciência sintática.
- Procurar compreender as razões para que a criança não dê a devida atenção ao que lhe está a ser transmitido, e se estas se devem a comportamentos esporádicos ou persistentes.

Segundo estes autores, estas atividades ajudam a criança a superar eventuais dificuldades e/ou a melhorar os seus desempenhos:

“O desenvolvimento progressivo das capacidades comunicativas permite à criança entender melhor o mundo que a rodeia e aprender a agir verbalmente sobre o real físico, social e emocional”.

Parte II: Propostas de Atividades

A importância da aquisição da linguagem na educação Pré-Escolar, é um direito fundamental da criança e constitui um objetivo educativo e social ao longo de toda a vida. Estudos recentes apontam para um conjunto mais abrangente de competências para além da capacidade das aprendizagens em relação à aquisição da linguagem, segundo Vasconcelos (2015). De acordo com a autor é importante que a partir da aquisição da linguagem e do desenvolvimento da consciência fonológica, lexical e sintática se possam desenvolver igualmente competências sociais de cooperação, isto é, a capacidade da criança em se inserir no grupo e de cooperar com ele no desenvolvimento e partilha de tarefas comuns, sendo capaz de construir amizades e de ser aceite no grupo de colegas; em paralelo, é igualmente necessário criar situações em que a criança ganhe autoconfiança, se descubra a si própria de maneira a que seja capaz de exercer o poder que tem sobre objetos e, também sobre as situações, podendo modificá-las. Estas capacidades são na sua perspectiva fundamentais nos processos de aprendizagem da educação Pré-Escolar.

Vasconcelos reforça que a capacidade de autocontrolo da criança é uma competência básica para a sua inserção escolar, quer nas interações sociais que desenvolve, quer nos processos de gestão das atividades em sala de aula, já que é nesta fase de aprendizagem que ela necessita de domínio pessoal, concentração, atenção aos colegas, ponderação e de alguma disciplina corporal, incluindo a introspeção.

O autor chama a atenção para a importância destes processos progressivos; na sequência destas competências, a criança adquire as capacidades para fazer frente às frustrações e contrariedades de forma positiva, de persistir, de aceitar as mudanças e

de resistir, levando-a assim, a ser mais forte e otimista perante as dificuldades, aceitando-as positivamente como parte do seu desenvolvimento.

Assim, pode afirmar-se que a educação Pré-Escolar de qualidade, integrando todas as valências referidas, promove as competências necessárias para o sucesso educativo.

Vasconcelos considera que para se atingir estes níveis de qualidade é necessária a existência de alguns critérios fundamentais:

- Qualidade de interações sociais;
- Relações sociais entre adultos-criança;
- Projeto educativo explícito;
- Atividades estimuladoras de desenvolvimento intelectual global;
- Envolvimento parental;
- Competências das educadoras neste nível etário.

Contudo, atualmente as práticas pedagógicas da iniciação estão à semelhança dos anos de escolaridade subsequentes, muito acompanhadas pela iniciação de uma educação para as novas tecnologias. Com efeito, para a maioria das crianças os meios de comunicação social, em particular a televisão, assumem hoje nos espaços escolares, importante recurso pedagógico.

Segundo Pereira (1993) a experiência mediática das crianças em diferentes áreas de desenvolvimento permite o seu equilíbrio e integração nas quatro dimensões do desenvolvimento humano (emotivo- expressivo, cognitivo, sócio relacional e sensório-motor) através de abertura diversa a situações, atividades e objetos implicados nos projetos pedagógicos desenvolvidos. Para a autora esta metodologia enraizada nas novas tecnologias tem por base uma perspetiva interaccionista- construtivista fazendo do conhecimento uma construção ativa do sujeito que se processa na interação, já que a criança é um ser social ativo e dinâmico, e centro de todo o processo educativo, que constrói o seu próprio conhecimento nas relações com os objetos, situações, ideias e pessoas. Segundo a mesma, nesta metodologia são também favorecidas capacidades

como a autonomia, espontaneidade, iniciativa, motivação, criatividade, espírito de descoberta, espírito-crítico, diálogo e cooperação.

Como salienta Ponte (2000) a utilização das tecnologias proporciona uma nova relação dos atores educativos entre si e, face ao saber e às aprendizagens. Os professores têm novas responsabilidades; a sua atividade passa a ultrapassar o domínio de conhecimento de uma área disciplinar específica e a ênfase da atividade educativa desloca-se da transmissão de saberes para a co aprendizagem permanente e a relação professor-aluno profundamente alterado.

Neste sentido, verificamos que o papel do educador (a) é em qualquer dos domínios educativos, quer no trabalho sobre o desenvolvimento linguístico da criança, quer nas atividades a implementar para desenvolver a sua consciência fonológica, lexical e sintática essencialmente um facilitador das aprendizagens na medida em que cria condições para que o aluno interage com o meio e construa o seu próprio conhecimento de forma natural e intuitiva.

Sim-Sim (1999) defende que a sociedade tecnológica em que vivemos obriga a um crescimento dos níveis de literacia, face à rápida profusão e diversidade da informação On-line. Em conformidade, chama a atenção para a necessidade de se repensar o ensino de leitura, colocando a compreensão do que é lida como o grande objetivo da aprendizagem. (1999, p.28-33).

Para a autora a comunicação constitui um processo dinâmico, natural e espontâneo que obriga a interação de pelo menos duas pessoas, com vista a partilha de necessidades, desejos, sentimentos, ideias e experiências. Sendo um processo, a criança precisa ao longo da sua vida envolver-se em interações sociais, inclusive, de se expor à comunicação oral, razão porque cabe ao adulto a responsabilidade suprema pelo desenvolvimento comunicacional da criança.

Deste modo, ambos os intervenientes deste processo contribuem para o enriquecimento comum dessa intervenção, com relevo para o papel do adulto dada as condições psicológicas que pode proporcionar à criança.

A figura abaixo ajuda-nos a compreender os fatores principais que contribuem para o desenvolvimento comunicativo:

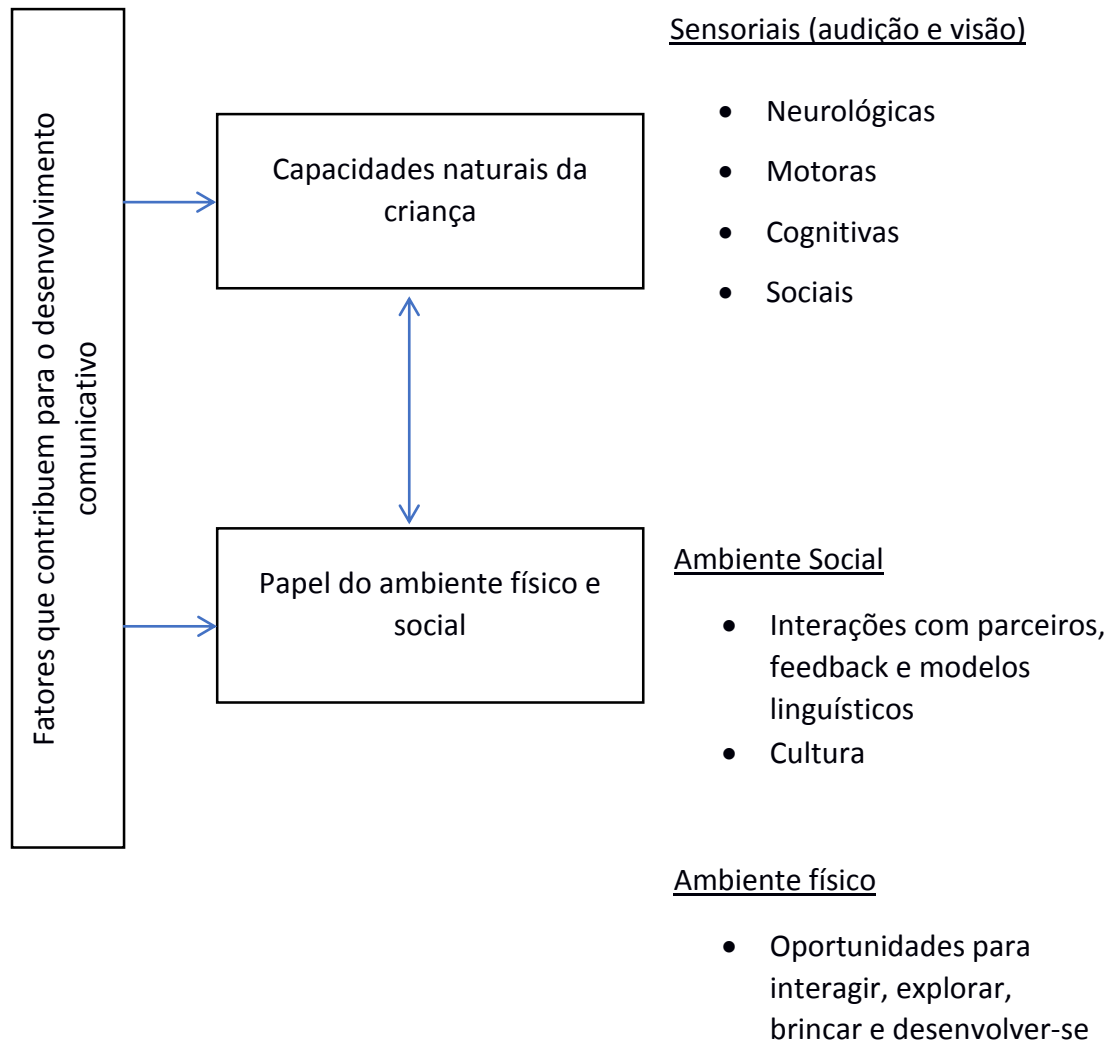


Figura 1: Fatores determinantes do desenvolvimento das competências comunicativas, segundo Sim-Sim

Pelo que é referido por estes autores, o uso da consciência fonológica, lexical e sintática por educadores e professores com formação, é de enorme importância, visto que a participação no desenvolvimento das habilidades por parte das crianças depende diretamente do desempenho dos adultos.

Sim-Sim (1999) elege quatro pontos nucleares como fulcrais das aprendizagens:

1 – A aprendizagem da linguagem escrita não é, como aquisição da linguagem oral, um processo natural e espontâneo. Requer um ensino sistematizado e consistente, numa aprendizagem voluntária e consciente numa prática continuada de leitura.

2 – O sucesso da aprendizagem inicial da leitura depende grandemente do que já sabe sobre leitura ao ser iniciado formalmente no sistema alfabético.

3 – A questão fulcral não é a escolha entre um método fônico, que incida na decifração, e um método global, que dê primazia ao reconhecimento do significado global das palavras.

4 – A compreensão do que se lê é o grande objetivo da leitura e essa compreensão é tanto melhor quanto mais apropriado for o texto à capacidade e ao interesse da criança.

Segundo a autora, a investigação mostra-nos que a aprendizagem inicial da leitura é um processo que se inicia informalmente muito antes do seu ensino em sala, ou seja de forma informal, e que o seu sucesso depende de um conjunto de experiências e conhecimentos que antecipam essa forma formal, principalmente a experiência prévia com material escrito, o conhecimento lexical da criança e o nível de consciência dos sons da língua; no seu entender, é da sintonia entre os objetivos dos dois intervenientes (adulto/criança) que resulta o sucesso da aprendizagem da leitura.

Assim, apesar de o objetivo fundamental de leitura e da escrita ser a produção e interpretação de diferentes e diversos tipos de texto, não é possível prosseguir com as atividades/habilidades sem os conhecimentos prévios da consciência fonológica e sem as devidas correspondências entre as letras e os sons.

Por isso, as atividades de interpretação e de produção de textos se iniciarem apenas quando as crianças já adquiriram algumas habilidades essenciais referentes aos níveis de letra e palavra.

Nesta perspetiva as áreas da expressão e comunicação, principalmente da linguagem oral, deverão ser promovidas em ambientes ricos em comunicação, criando

situações diversificadas de modo a potenciar as interações e as aprendizagens das mesmas.

Verificamos que de acordo com os vários autores, é através das atividades de comunicação que a criança desenvolve a consciência linguística. Por isso, o papel do formador é frequentemente referido, tendo em conta a sua intervenção no processo de aprendizagem da criança; neste sentido, o formador deverá ao longo seu trabalho refletir sobre as suas práticas, isto é, como poderá ajudar efetivamente a criança de modo a que a qualidade educativa seja assegurada.

Tarefas para avaliar a consciência Fonológica e Silábica

A evolução da consciência fonológica segue um percurso progressivo que vai da sensibilidade a segmentos da fala como as palavras ou as sílabas, para a sensibilidade aos componentes fonéticos das palavras; dir-se-ia que o desenvolvimento da sensibilidade fonológica progride através de vários níveis de consciência fonológica.

Deste modo, o educador(a) que lê fábulas pode propor à criança a realização de vários jogos de sons com os nomes das personagens, a sua divisão em sílaba, se as personagens se iniciam pelo mesmo som e que seja capaz de pronunciar a primeira sílaba e, seguidamente, diga a palavra correta omitindo a sílaba pronunciada.

As aprendizagens da leitura e da escrita exigem da criança o desenvolvimento de ideias sobre o código escrito, nos códigos alfabéticos as letras enquanto segmentos fonémicos possibilita através de um número de símbolos (letras) a representação escrita de todas as palavras de uma língua. Em consequência o domínio do código alfabético obriga ao entendimento de que a língua escrita representa unidades da língua oral e também a compreensão de que as unidades codificadas são os fonemas.

Assim, a relação entre a linguagem oral e a linguagem escrita faz com que a sensibilidade da criança referente à estrutura sonora da palavra se revele uma competência essencial na aquisição da leitura e da escrita. É por isso importante que na educação Pré-Escolar os jogos desempenham um papel importante no desenvolvimento da consciência fonológica.

São exemplos de jogos para este tipo de atividades:

A contagem das sílabas de uma palavra; encontrar palavras a partir de sílabas pronunciadas; junção de uma sílaba a uma palavra de modo a encontrar-se uma nova palavra e a omissão de uma sílaba para encontrar uma nova palavra.

São muitos os exemplos que se poderiam dar, dada a diversidade e o enriquecimento lúdico que estão subjacentes às práticas do desenvolvimento progressivo da língua materna, nomeadamente, jogo de cartas, cartões com imagens diferentes, jogos em grupo, histórias contadas e abecedário lúdico.

Igualmente pode reforçar-se de forma graduada as possibilidades de comunicação e expressão das crianças, fazendo com que se interessem por conhecer vários géneros orais e escritos, participando em atividades de intercâmbio social de modo a conviverem com público diversificado;

- Atividades que permitam a sua familiarização com a escrita através de livros, revistas e outros meios didáticos;
- Escutar e observar textos lidos, apreciando as leituras realizadas pelos seus educadores;
- Interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional;
- Reconhecer o seu nome escrito e identificá-lo em todas as situações;
- Escolher os livros, textos e revistas para apreciação;
- Uso da linguagem oral para conversar, brincar e expressar desejos necessidades, opiniões, ideias, preferências e sentimentos, relatando as suas vivências decorrentes das suas interações pessoais;
- Elaboração de perguntas e respostas de acordo com os vários contextos sociais;
- Participação em situações que lhe permitam expor as suas ideias e pontos de vista;
- Dar a conhecer as experiências vividas identificando tempos e causas;

- Saber contar histórias conhecidas, aproximando-se das características das histórias originais, no que se refere à descrição das personagens, cenários e objetos envolvidos;
- Conhecimento e reprodução oral de jogos verbais, como por exemplo: trava-línguas, parlendas, adivinhas, poemas e canções.
- Realizar atividades psico-motoras no âmbito da Educação Física e atividades artísticas com recurso ao desenho, pintura e recorte e construção de pequenos objetos em cartão, papel e cartolina.

Segundo Duarte (2011; p.11), é essencial que exista uma planificação/programação que possibilite autenticar o enriquecimento do capital lexical e o desenvolvimento da consciência lexical de cada criança.

De acordo com a autora, as crianças já familiarizadas com a leitura a estrutura interna das palavras e o contexto são fontes importantes de conhecimento sobre palavras novas. (2011; p.20)

Refere a autora que as crianças à medida que progredem nas aprendizagens recorrem à leitura de registos, no fundo, à procura de palavras novas; esta procura, implica que sempre que se realizam atividades lúdicas ligadas á leitura ou até mesmo jogos de vocábulos, as crianças procuram elaborar registos.

É nesta medida que defende que “...o recurso progressivo a enciclopédias infantis, dicionários e prontuários, em papel ou eletrónicos, bem como de corretor ortográfico deve também ser encorajado, a partir do momento em que as crianças já automatizaram o processo de decifração ...” (Duarte, 2011, p.26)

Já o conhecimento semântico caracterizado pelo conhecimento do significado das palavras, partindo do “aqui e agora” e seguidamente durante a progressão nas aprendizagens é para a criança o ato de ser capaz separar o vocábulo de contexto particular e formular conceitos ou entidades, reutilizando-os em diferentes momentos.

Sim-Sim (2008; p.28) refere que a interação diária com o educador (a) é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança.

A autora destaca a importância da função do educar da aquisição da linguagem oral ao afirmar que “A interação diária que o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança” e que, sendo educador considerado um modelo, deve ter consciência que “Há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de jardim de infância”. Assim é muito importante que a criança esteja envolvida num ambiente em que ouça falar e possa também expressar os seus desejos e sentimentos.

Para Formosinho (2007/2009), a pedagogia participativa da infância, é caracterizada pela criação de espaços e tempos pedagógicos onde a ética das relações e interações permite desenvolver atividades e projetos que valorizam a experiência, os saberes e as culturas das crianças em diálogo com os adultos. De acordo com os autores podemos concluir que a atividade da criança passa por intervir, podendo participar nas planificações, experimentar e confirmar hipóteses, investigar, cooperar e resolver inclusivamente problemas. Neste caso, o autor apresenta algumas práticas que devem ser seguidas em sala:

- Momentos frequentes de conversa a “dois”, exemplo falar sobre o fim de semana;
- Falar com a criança enquanto esta está a brincar ou a trabalhar;
- Captar a atenção da criança quando falamos;
- Dar tempo à criança para ele exprimir os seus pensamentos, ideias sabendo ouvi-la;
- Responder à criança sempre que esta o solicite;
- Ter um discurso claro, sem pressas, eficiente;
- Alargar o léxico da criança, recorrendo sempre que possível a questões abertas;
- Brincar com a linguagem, rimas, canções, teatros, atividades em grupo;
- Ler diariamente e dialogar sobre o que foi lido;
- Estabelecer relações com diferentes pessoas (sendo estas agentes sociais);
- Falar sobre diferentes momentos: passados, presentes e futuros;

- Falar sobre os sentimentos e atitudes;
- Introduzir conceitos novos;
- Identificar possíveis problemas fisiológicos, neurológicos.

É assim que o educador deve criar um ambiente de trabalho de estimulações em contexto educativo, que possibilite a cada criança ser autor da sua lista de registo de aprendizagens.

A competência designada por competência sintática é a capacidade para raciocinar sobre a sintaxe dos enunciados verbais e controlar de forma adequada o uso das regras gramaticais; competência que a criança no Pré-Escolar não consegue de todo superar, principalmente em função da complexidade estrutural da frase. Assim, a interpretação correta da frase é do ponto de vista da intervenção muito importante: É necessário levar a criança a refletir sobre a estrutura frásica (por exemplo, no decurso de vários registos escritos e discutir a melhor forma de os construir corretamente).

Segundo Sim-Sim (2008), existem dados que suportam a ideia de que a interligação entre a consciência sintática e o desenvolvimento da leitura e de natureza interativa. Se algumas crianças anos demonstram algumas dificuldades sem juízos gramaticais, há outras que revela algum domínio na leitura, dando um passo importante na eficácia que apresentam nas tarefas exigidas.

Tendo em conta os aspetos abordados anteriormente é importante que se reflita sobre as práticas pedagógicas de modo a que um formador possa introduzir atempadamente as inovações e as alterações ao que habitualmente produz, de modo a conseguir que os contextos escolares são diversos e que cada vez mais crianças estrangeiras fazem parte do seu universo educativo e que no caso, deverão ter as mesmas oportunidades de sucesso educativo.

Considerações Finais

Podemos concluir que a linguagem verbal se distingue de várias formas de comunicação das espécies animais.

A linguagem do Homem estrutura-se de uma forma em que o falante é capaz de associar um pequeno conjunto de unidades para formar um número infinito de frases; assim revela-se como composicional, na medida em que o significado da mensagem está dependente do valor das partes que a compõem e das suas relações gramaticais, e é também ilimitada nas suas metas e assuntos que trata.

Em termos da sua função, a linguagem humana desenvolve-se independentemente dos estímulos, ajustando-se aos contextos do meio, ou seja, para uma mesma situação, indivíduos diferentes verbalizam de formas diferentes e o mesmo indivíduo pode verbalizar diferentemente em épocas e contextos diversos. O estudo das várias propriedades da linguagem verbal permite-nos conhecer os seus aspetos particulares, enquanto outros estudos dão-nos a conhecer as principais teorias sobre a sua apropriação: as teorias behavioristas, inatista, e cognitivista, cada uma com os seus fundamentos que nos ajudam a conhecer o desenvolvimento da linguagem apesar das divergências que encontramos entre elas.

Todavia, é importante que o educador(a) seja capaz de tornar fácil o percurso educativo da criança no contexto de Pré-Escolar, não só a contruir experiências pedagógicas adequadas e interativas, como criar relações afetivas que favoreçam o processo de ensino – aprendizagem.

Referências Bibliográficas

Aimard, P. (1986), *A Linguagem da criança*, Brasil

Duarte, Inês. (2008). O conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência linguística. Lisboa: DGIDC- Ministério da Educação

Duarte, S., (2017), Instituto Superior de Educação e Ciências

Freitas, M.J., Alves, D. e Costa, T. (2007). PNEP- *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação

Formosinho, João. (1997). O Contexto Organizacional da Expansão da Educação Pré-Escolar. *Inovação*

James, C. e Garret, P., (1992). *Language awareness in the classroom*. England: longman

Lima, R. (2009). *Fonologia Infantil: Aquisição, Avaliação e Intervenção*. Coimbra: Almedina

Marchão, A..(2011), *Currículo(s) na Educação de Infância*. Texto adaptado para o módulo Curricular em Educação de Infância da unidade curricular. Contextos e Processos em Educação de Infância do Mestrado em Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educação de Portalegre

Ministério da Educação (1997) - *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa Ministério da Educação- Departamento de Educação Básica

Pereira, S (1993). *A televisão no Jardim de Infância. Práticas e Atitudes dos Educadores da Rede Pública do Distrito de Braga e Contributos para o Uso Criterioso da Televisão*. Braga: CEFOPE. Universidade do Minho (Projeto de DESE)

Ponte, J.P., (2000). "Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Professores: Que desafios?"

Rebelo, J.I (1993). Dificuldades de leitura e da escrita em alunos do ensino básico. Rio Tinto: ASA

Rigolet, S.A. (2000). *Os três P- Precoce, Progressivo, Positivo- Comunicação no Jardim de Infância. Lisboa para uma plena expressão*. Porto: Porto Editora

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*, Lisboa, Universidade Aberta

Sim-Sim, I, (1999). Porque é que a literacia se escreve com “D”. In Revista da ESES,10

Sim- Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições Asa

Sim-Sim, I. Silva, A.C. e Nunes (2008). *Linguagem e comunicação no jardim de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Tunmer, W., e Rohl, M. (1991). Phonological awareness in reading acquisition. In D. Sawyer, e B. Fox (Eds), *Phonological awareness reading*. New York: Springer- Verlag.

Vasconcelos Horta, I.. (2011). Acesso ao Princípio Alfabético no Pré-Escolar: Evolução, Processos e implicações de Intervenção ao Nível da Escrita. *Tese de Doutoramento em Psicologia Educacional*. Lisboa. ISPA

